

O EQUILÍBRIO DE PODER NO LESTE ASIÁTICO E A REAPROXIMAÇÃO ENTRE AS COREIAS: A MAIS RECENTE FASE DE COOPERAÇÃO (2017-2018)

The Balance of Power in East Asia and the Korean Rapprochement: the most recent phase of cooperation (2017-2018)

*Renato Saraiva¹
Ticiane Amaral²*

Introdução

A maior parte das análises acerca da recente aproximação entre a República Popular Democrática da Coreia (RPDC) e a República da Coreia (RC), que levou à realização da Reunião de Cúpula Intercoreana, no lado sul coreano da área de segurança conjunta, em 27 de abril de 2018, valorizam, em sua explicação, o suposto sucesso da política externa de Trump de combinar ameaças militares e sanções econômicas. Assim, o texto de Mark Landler para o *The New York Times* afirma: “Existem poucas dúvidas [...] de que as sanções lideradas pelos Estados Unidos, combinadas com as promessas belicosas do Sr. Trump de descarregar ‘fogo e fúria’ na Coreia do Norte caso ameaçasse o solo americano, ajudaram a levar o Sr. Kim à mesa de negociações” (LANDLER, 2018, tradução nossa).⁵ Outras análises se limitam apenas a expressar incompreensão e surpresa em relação à aparente mudança radical de postura de Kim Jong-un, que teria passado de um “ditador” a um “diplomata” em alguns meses (STEIN; TIEFENTHÄLER; RENEAU, 2018).

Não obstante, em nossa perspectiva, tanto existem, sim, dúvidas relevantes sobre a efetividade da política estadunidense de isolamento do regime norte-coreano, quanto a busca da RPDC pela reaproximação e cooperação pode ser melhor compreendida quando observados elementos mais estruturais do equilíbrio de poder na Península Coreana. Este artigo tem como objetivo fornecer elementos para uma análise de conjuntura internacional sobre a recente reaproximação entre a RPDC e a RC, assim como entre a primeira e os Estados Unidos.

¹Bacharel em Relações Internacionais e Mestrando em Estudos Estratégicos Internacionais pela UFRGS. Email: renato_8d@hotmail.com

²Bacharela em Relações Internacionais pela UFRGS e Mestranda em Economia Política Internacional pela UFRJ. Email: ticiane.nunes@pepi.ie.ufrj.br

³“There is little question, senior officials and analysts said, that the American-led sanctions, combined with Mr. Trump’s bellicose vows to rain “fire and fury” on North Korea if it threatened the American homeland, helped bring Mr. Kim to the table” (LANDLER, 2018).

Destaca-se, em primeiro lugar, o papel do contexto do equilíbrio de poder do Leste Asiático, marcado pelo desenvolvimento das capacidades nucleares e de entrega de mísseis balísticos norte-coreanas e pela ascensão do governo sul-coreano de Moon Jae-in. Em segundo lugar, é necessário compreender as conexões entre os teatros de conflito do Leste Asiático e o Oriente Médio, a partir dos interesses estratégicos dos Estados Unidos na competição hegemônica com a China e na contenção do crescimento de outras potências asiáticas em ascensão, como a Índia. Neste sentido, este artigo parte da noção de equilíbrio de poder, estabelecida pelo Neorealismo (WALTZ, 1979) como a correlação de capacidades militares e econômicas entre os Estados e a tendência destes a buscarem corrigir distorções na sua distribuição por um fortalecimento de suas posições frente aos outros. Assim como busca relacionar a conjuntura de aproximações entre as Coreias e entre os Estados Unidos e a RPDC ao debate acerca da configuração do sistema internacional no século XXI e da estratégia de política externa estadunidense desenvolvido por Arrighi (2008) e outros teóricos (LAYNE, 2012; MEARSHEIMER; WALT, 2016).

O histórico da mais recente reaproximação entre as Coreias

French (2007) divide a história das aproximações entre as Coreias em quatro fases, todas elas breves momentos de concertação, pontuados por iguais períodos de conflito e tensionamento. A primeira fase, entre 1972 e 1973, foi uma consequência indireta do reatamento de relações entre a China e os Estados Unidos a partir da política externa da presidência de Richard Nixon (1969-1974). Kim Il-Sung esteve presente em Pequim durante a visita secreta de Henry Kissinger, em 1969, e viu tal movimento como causa de insegurança e vulnerabilidade para a RPDC. Por outro lado, o governo sul-coreano de Park Chung-hee percebia as intenções estadunidenses de desengajamento de tropas após o insucesso das campanhas no Vietnã, as quais significavam uma reduzida disposição política de arcar com grandes custos em uma eventual defesa da RC em um ataque norte-coreano. Assim, em Agosto de 1971, um mês após o anúncio oficial da viagem de Nixon à China, Kim Il-Sung fez uma declaração de que aceitaria reunir com os partidos políticos e a sociedade civil da RC.

Em 1972, após Park Chung-hee concordar com a reunião, as relações entre os dois países atingiram o mais alto nível diplomático até então, com o encontro entre o diretor da Agência Central de Inteligência Coreana da RC, Lee Hu-rak, e Kim Il-Sung em Pyongyang, seguido pelo encontro recíproco entre o Vice-Primeiro Ministro da RPDC, Park Sung-chul, e o Presidente sul-coreano Park Chung-hee. Além disso, em abril de 1972, foi estabelecida uma linha telefônica direta de contato entre os dois governos (a “linha vermelha”), e, em 4 de Julho, era assinado o Comunicado Conjunto Norte-Sul, cerca de quatro meses após a assinatura do Comunicado de Shanghai entre Estados Unidos e China, que formalizou as intenções de normalização das relações sino-estadunidenses (FRENCH, 2007).

O Comunicado Conjunto estabeleceu três princípios que consolidaram as bases para a discussão de uma possível reunificação: (1) a unificação deve ser atingida de forma independente, sem dependência ou interferência externa; (2) a unificação deve ser atingida pacificamente; (3) a unificação deve ser buscada em

primeiro lugar em termos de unidade social em ideias, ideologias e sistemas (UNITED NATIONS PEACEMAKER, 1972).

No entanto, seus respectivos interesses nacionais tornavam qualquer aproximação circunscrita dentro de limites bem definidos. Enquanto Kim Il-Sung procurava criar algum tipo de tensão entre as alianças de RC, Estados Unidos e Japão, Park Chung-hee preocupava-se com o fortalecimento do Exército Popular da Coreia. A partir do golpe de Estado de Park de Outubro de 1972, nomeado como a Restauração de Yushin, inspirada na Restauração Meiji japonesa, Kim suspendeu as conversações políticas.

Após um período de maior concentração no fortalecimento de seus respectivos governos, em que a RPDC teve sua estratégia voltada para a busca do isolamento de Park Chung-hee e do enfraquecimento do apoio à presença militar estadunidense na região, uma segunda fase de aproximação ocorreu a partir das enchentes de Setembro de 1984 na RC, para as quais estendeu-se o apoio humanitário norte-coreano. Os principais resultados imediatos se concentraram em torno de negociações econômicas e de reuniões de famílias separadas pela guerra.

Novas perspectivas de progresso em relação à unificação voltaram à tona apenas com o anúncio da Declaração de Seis Pontos, em Julho de 1988, e o lançamento, por parte do presidente Roh Tae-woo (1988-1993), da *Nordpolitik* sul-coreana, a qual tinha como objetivos o engajamento e o mútuo reconhecimento, aderindo à fórmula proposta por Kim Il-Sung de formação de uma república confederada (FRENCH, 2007). Esta quarta fase de aproximação resgatou os acordos do Comunicado Conjunto de 1972, por meio da assinatura da Declaração Conjunta de Desnuclearização da Península Coreana e do Acordo para Reconciliação, Não-Agressão, Trocas e Cooperação, o “Acordo Básico”, que previu o princípio de mútuo reconhecimento do sistema social de cada país (UNITED NATIONS PEACEMAKER, 1991).

O final dos anos 1980 e os anos 1990 significaram uma inversão completa de capacidades entre os dois regimes e o enfraquecimento da RPDC, traduzido em isolamento diplomático com o colapso da União Soviética e o estabelecimento de relações entre seus aliados do Leste Europeu e a RC, e em declínio industrial, crises econômicas e escassez de alimentos.

Por fim, a quarta e última fase identificada por French (2007) representou o ponto mais alto de aproximação desde o Comunicado Conjunto de 1972 e talvez aquele simbolicamente mais memorável. A Política “Raio de Sol” (*Sunshine Policy*) do governo sul-coreano de Kim Dae-jung (1998-2003) defendeu os princípios de não tolerância sobre provocações armadas, de unificação não por absorção e de promoção da cooperação e reconciliação a partir de áreas de mútuo interesse imediato. Nesse sentido, resguardava o consenso geral de que qualquer processo de reunificação teria de ser mais gradual do que a experiência alemã, realizado pacificamente e de forma a reduzir os custos sobre a RC, para o que se esperava algum nível de recuperação econômica na RPDC (FRENCH, 2007).

Novamente, a unificação teria como base a formação de uma confederação, que passaria por três fases, a de intensa cooperação enquanto permanecia a divisão política, a de constituição de uma federação com um único sistema político mas dois governos regionais autônomos, e, finalmente, a adoção de um governo central

(CUMINGS, 2004). Não obstante, a reaproximação sofreu com os problemas internos do sistema político sul-coreano, como a falta de apoio político e de maioria parlamentar na Assembleia Nacional e as dificuldades de recuperação da crise financeira asiática. Ao final do governo de Kim Dae-jung, a Política ‘Raio de Sol’ “parecia mais o triunfo pessoal do presidente do que o da nação” (FRENCH, 2007, p. 251).

Por outro lado, a ascensão da presidência de George W. Bush, com sua política de guerra preventiva contra Estados considerados como uma ameaça à ordem internacional, rompeu o Acordo-Quadro de 1994, que previa os marcos de acordo para a normalização de relações entre os Estados Unidos e a RPDC. Nas palavras de Cumings (2004, p. 87, tradução nossa), “Este retrocesso na Coreia desde que Bush assumiu o cargo é também um exemplo infeliz do nível em que Washington ainda domina a diplomacia na península Coreana”⁴.

A mais recente fase de aproximação entre as Coreias pode ser identificada a partir da participação norte-coreana nas Olimpíadas de Inverno de 2018 em Pyeongchang, na RC, com representação de delegação de alto nível diplomático, dirigida por Kim Yo-jong, irmã e assessora direta de Kim Jong-un, e por Kim Yong-nam, Presidente da Suprema Assembleia Popular (WHAN-WOO, 2018).

Os atletas de ambos países entraram em conjunto na cerimônia de abertura, sob a bandeira da península unificada, e dividiram um mesmo time de Hockey feminino, em uma demonstração de uso tradicional do esporte como mecanismo de aproximação diplomática que teve seus antecedentes em 2006, na entrada conjunta em cerimônia de abertura, e em 1991, na formação de um time unificado no Campeonato Mundial de Tênis de Mesa.

Alcançou-se o auge deste período de aproximação, até então, com a realização da Reunião de Cúpula Intercoreana de 27 de abril de 2018, na qual foi adotada a Declaração de Panmunjeom. Tendo como principal tema de fundo a evolução do programa nuclear e dos testes de mísseis balísticos norte-coreanos, a Declaração de Panmunjeom afirmou o compromisso com a “completa desnuclearização” e o fim definitivo da Guerra da Coreia, com a transformação da situação de armistício em um “regime permanente e sólido de paz” por meio da assinatura de um tratado de paz. Além disso, destacou-se a necessidade de institucionalização de canais de cooperação e de condução de reuniões e conversações periódicas (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2018; HYUN-JU, 2018; JUN-SUK, 2018). Desde então, tem havido diversas reuniões de trabalho para tratar de temas específicos, como obras de infraestrutura e a preservação ambiental na faixa de fronteira, estando ainda programada para o período de outono, a realização de uma nova reunião de cúpula (YONHAP, 2018a).

Diversos analistas têm enfatizado o papel crucial de mediação desempenhado pela diplomacia do presidente sul-coreano Moon Jae-in⁵ para o sucesso da reaproximação entre as Coreias, assim como para a aproximação entre a RPDC e os Estados Unidos (YONHAP, 2018; JAE-KYOUNG, 2018; SANG-HUN, 2018).

⁴ “The backtracking on Korea since Bush assumed office is also an unfortunate example of the degree to which Washington still dominates the diplomacy of the Korean peninsula” (CUMINGS, 2004, p. 87)

⁵ Filho de refugiados norte-coreanos que fugiram de sua província durante a Guerra das Coreias, Moon Jae-in participou desde o secundário de movimentos políticos e trabalhou, posteriormente, como advogado especialista em direitos humanos. Moon chegou a ser preso na década de 1970 por protestar contra o autoritarismo sul-coreano, regulado na constituição anterior denominada *Yusin* (JUNG, 2017). Em sua carreira política antes de assumir o cargo de presidente, Moon foi presidente do Partido Democrata e trabalhou no gabinete do ex-Presidente Roh Moo-hyun (2003-2008).

Devido a sua iniciativa de manter abertos os canais diplomáticos, mesmo em face da escalada de tensionamentos e de pressões contrárias tanto internamente quanto por parte do governo Trump, a RC teria assumido a liderança da conjuntura regional, retirando o poder de barganha de ameaças militares estadunidenses, em um raro episódio em que as alterações das relações de poder não teriam sido determinadas somente pelas grandes potências (THRUSH; LANDLER, 2018; LANDLER, 2018).

Tendo sido eleito em meio à “tempestade política” que levou à confirmação do impeachment da ex-presidente Park Geun-hye, em março de 2017, Moon Jae-in representou a ascensão de movimentos de esquerda, a contestação de privilégios no relacionamento entre o Estado e as corporações *Chaebols*⁶ e o maior apoio à reaproximação com a RPDC (MILLER, 2017).

Com o evento da mais recente Reunião de Cúpula Intercoreana e da Reunião de Cúpula RPDC-Estados Unidos, também conhecida como Cúpula de Cingapura, realizada em 12 de junho de 2018, a expectativa pelo aprofundamento da cooperação na península reduziu a capacidade de mobilização eleitoral dos partidos mais conservadores em torno da agenda de segurança, resultando em uma extensa vitória do Partido Democrático nas eleições locais de 13 de junho de 2018, aumentando a vantagem de Moon na Assembleia Nacional em 11 novos assentos vagos, além de garantir 14 dos 17 postos de governador provincial e prefeituras e a maioria absoluta dos representantes locais e distritais (SE-HWAN, 2018a; RAHN, 2018; JI-WON, 2018; HA-YOUNG, 2018).

Ao mesmo tempo, a presidência de Moon Jae-in correspondeu à uma nova dimensão de inserção internacional da RC em seus eixos Norte e Sul. Destarte, a reaproximação com a RPDC é parte da Nova Política para o Norte (*New Northern Policy*), que visa criar uma nova ordem multilateral no Nordeste Asiático, a partir da qual a RC poderia emergir como seu novo centro, fortalecendo a cooperação com a região Euroasiática, especialmente com a Rússia. Após a visita de Estado de três dias do presidente Moon Jae-in à Moscou, de 21 a 23 de junho de 2018, foi anunciada uma série de projetos para uma maior integração econômica entre os dois países⁷, dos quais se destacam a interligação das Ferrovias Intercoreanas com a Ferrovia Transiberiana, a construção de gasodutos e de uma malha energética conectando a Rússia à RC, China e Japão, e a proposição da assinatura de um acordo de livre-comércio (ATKINSON, 2018; HAMMOND, 2018; THE KOREA TIMES, 2018).

Complementar a este eixo Norte, a Nova Política para o Sul (*New Southern Policy*) tem como objetivo equiparar ao mesmo nível das relações com as grandes potências às relações com a Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), região que representa em conjunto o segundo maior parceiro comercial e destino

⁶ O termo refere-se aos grandes conglomerados que são geridos e controlados geralmente por famílias tradicionais na Coreia do Sul. O sistema dos *Chaebols* assemelha-se aos *Zaibatsus* no Japão, tendo ambos prosperado em estreita associação entre o capital de algumas famílias influentes e os incentivos governamentais, sobretudo, no caso dos primeiros, entre as décadas de 1960 e 1990.

⁷ Em seu discurso na Duma Federal, o Presidente Moon Jae-in destacou a importância de nove pontos estratégicos para a cooperação com a Rússia: criação de empregos; ferrovias; gás natural; eletricidade; rotas de navegação no Ártico; construção naval; construção de portos; agricultura; e pesca (CHEONG WA DAE, 2018).

de investimentos, além de ser o foco de inovações relacionadas à robótica e à economia da internet (WORLD POLITICS REVIEW, 2017; CHUNG-HA, 2018)⁸.

Em 23 de março de 2018, os presidentes Moon Jae-in e Tran Dai Quang, do Vietnã, anunciaram planos para expandir o comércio bilateral, de cerca de US\$ 60 bilhões, para a faixa de US\$ 100 bilhões de dólares até 2020 (THE ASSOCIATED PRESS, 2018; WORLD POLITICS REVIEW, 2018). Sendo o primeiro país do Sudeste Asiático a estabelecer relações diplomáticas, em 1949, e o terceiro a enviar tropas em apoio na Guerra da Coreia, em 1950, a visita de Estado do Presidente Rodrigo Duterte, da Filipinas, à Seul, de 3 a 5 de junho de 2018, indicou o interesse mútuo no aprofundamento da cooperação bilateral, elegendo o próximo ano de 2019 como o ano de “trocas mútuas” e anunciando o aumento do Fundo de Cooperação para o Desenvolvimento Econômico para as Filipinas para US\$ 1 bilhão de dólares (BO-EUN, 2018). Como resultado, a empresa sul-coreana SK Engineering & Construction, a qual expandiu recentemente suas operações para o Cazaquistão e a Turquia, assinou carta de intenções para a construção e operação de duas usinas termoelétricas de 600 megawatts movidas a carvão na ilha filipina de Luzon (HYUN-WOO, 2018).

Por fim, o mais recente destino da Nova Política para o Sul será a Índia, nas visitas de Estado entre 8 e 11 de julho de 2018. Sede de nova instalação da *Samsung Eletronics* em Noida, a 25 quilômetros de Nova Delhi, a Índia está no centro da iniciativa para a ASEAN, significando um acesso direto a recursos humanos extremamente capacitados em tecnologias da informação e uma alternativa à redução do crescimento e ao envelhecimento populacional na China (MIN-HYUNG, 2018; WHAN-WOO, 2018a).

Por outro lado, apesar dos índices de aprovação de mais de 70% do governo Moon Jae-in, a aproximação intercoreana não logra unanimidade entre a sociedade sul-coreana. Chung-Sye Kyun, então Presidente da Assembleia Nacional pelo Partido Democrático, não teve sucesso em aprovar uma resolução em apoio à Declaração de Panmunjeom, devido às disputas em torno dos termos do texto, as quais se dividiam entre manter a utilização “desnuclearização completa” original da Declaração ou reforçar as exigências estadunidenses por uma “desnuclearização completa, verificável e irreversível”.

Tais divergências refletem, em última instância, as próprias diferenças de visões sobre os resultados da Reunião de Cúpula Intercoreana. Se a posição governista do Partido Democrático visa destacar a importância histórica dos acordos, os partidos de oposição alternam entre reconhecer sua relevância mas destacar a necessidade de medidas concretas futuras, como o mais moderado Partido Bareunmirae, ou repudiar suas definições como vagas e fruto de concessões ao regime norte-coreano que não produziram resultados, conforme o conservador Partido Liberdade da Coreia (HE-SUK, 2018; SO-HYUN, 2018).

Ao mesmo tempo em que ocorria a Reunião de Cúpula, cerca de 300 pessoas se reuniram, em Paju, cidade próxima à fronteira, para protestar contra sua realização, demandando a paralisação das conversações por serem “fraudulentas” e representarem uma “falsa esperança”, entre outros imperativos como “parem o genocídio norte-coreano” e “é a hora de bombardear a Coreia do Norte” (SE-HWAN, 2018a). Apesar de ser um

⁸ A Associação de Nações do Sudeste Asiático é composta por dez membros plenos, sendo eles Indonésia, Malásia, Filipinas, Cingapura, Tailândia, Brunei, Myanmar, Camboja, Laos e Vietnã.

movimento político não expressivo e não representativo, existem de fato entraves sociais profundos no que diz respeito à discussão e implementação de algum projeto de aproximação e unificação das Coreias.

A evolução das capacidades militares norte-coreanas e os interesses estratégicos dos Estados Unidos no Leste Asiático

Os últimos dois anos significaram um avanço expressivo das capacidades nucleares e de lançamento de mísseis norte-coreanas, o qual definiu os marcos recentes do conflito na península coreana. Até então, a RPDC havia conduzido três testes nucleares, nos anos de 2006, 2009 e 2013, número este que dobrou no último período. Apenas em 2016, houve dois novos testes, em 6 de janeiro e 9 de setembro, de cerca de 17 e 35 quilotons respectivamente. Segundo as declarações oficiais, o primeiro teste teria sido de uma bomba de hidrogênio, e o segundo uma ogiva compacta para lançamento de mísseis. Estimativas de especialistas, no entanto, não permitem ter certeza sobre sua veracidade (LEWIS; TAYLOR, 2016; ALBERT, 2018). Por outro lado, em 3 de setembro de 2017, realizou-se um novo teste nuclear no qual se afirmou novamente tratar-se uma bomba de hidrogênio. Desta vez, a maior parte das estimativas apontou para uma carga explosiva superior a centenas de quilotons, fato que torna crível a alegação (BRUMFIEL, 2017). De qualquer modo, a conclusão segura que se pode ter é a de que as capacidades norte-coreanas de produção de artefatos nucleares foram significativamente amplificadas. O mesmo pode ser verificado em relação ao lançamento de mísseis balísticos.

Apesar de ainda não ter havido sucesso na projeção de um míssil balístico intercontinental capaz de conduzir uma ogiva nuclear pela fase de reentrada na atmosfera, a Agência de Inteligência de Defesa dos Estados Unidos e o Ministério da Defesa do Japão ambos confirmaram, em julho e agosto de 2017, o desenvolvimento da tecnologia de miniaturização de ogivas nucleares para o emprego em mísseis balísticos (WARRICK; NAKASHIMA; FIFIELD, 2017). Nesse sentido, Siegfried Hecker, professor afiliado ao Centro para Segurança Internacional e Cooperação da Universidade de Stanford e que inspecionou o programa nuclear norte-coreano entre 2004 e 2010, afirma que existem poucas dúvidas em relação à capacidade de entrega de um míssil balístico nuclear de curto e médio alcance sobre a RC e o Japão (HECKER, 2017). Além disso, também em julho de 2017, o país testou dois mísseis balísticos intercontinentais convencionais que teriam alcance para atingir o Alaska ou até mesmo o território continental dos Estados Unidos na região da Califórnia (MCINNIS, 2017). Portanto, a recente “virada diplomática” da RPDC se torna compreensível quando se percebe que, na verdade, o que levou à uma reaproximação com a RC e os Estados Unidos foi o desenvolvimento de suas capacidades nucleares e de entrega de mísseis balísticos, que colocam o país em condições de dissuasão que permitem a negociação sob relações de força mais favoráveis, sem prejudicar seus valores de autossuficiência e segurança nacionais. Em última análise, este foi o objetivo principal da barganha estratégica que moveu suas relações com a RC e os Estados Unidos.

Em um contexto histórico de formação do Estado sob constante pressão externa, a construção de autossuficiência nacional, como resposta ao isolamento e a prioridade do setor militar na sociedade, como

elemento essencial da segurança nacional, foram os princípios que moldaram o regime norte-coreano. O sistema político da RPDC se desenvolveu tendo como princípio fundador a filosofia política expressa pela “Doutrina Juche”, a qual estabelece a autossuficiência e a independência nacional como os objetivos do Estado.

Dentro deste contexto, insere-se o estabelecimento de um modelo econômico autárquico, visando reduzir a dependência e as vulnerabilidades externas, assim como o investimento em tecnologia militar. Tais princípios da filosofia Juche moldaram a própria política externa do país, que manteve certo distanciamento mesmo entre os aliados, a União Soviética e a China, em preservação de sua autonomia e aproveitamento de suas margens de barganha no conflito sino-soviético.

Por outro lado, a partir dos anos 1990, reforçou-se o papel e a prioridade do setor militar na sociedade. A partir da “Política Songun”, elevou-se o status das Forças Armadas ao centro do sistema político, em um momento em que o poder militar serviria de último recurso de garantia da independência nacional frente às disparidades internacionais com o fim da Guerra Fria, o colapso da União Soviética e a ascensão do poder unipolar e unilateral dos Estados Unidos (VISENTINI; PEREIRA; MELCHIONNA, 2015; FRENCH, 2007). Desse ponto de vista, compreende-se a importância do investimento no Programa Nuclear.

A primeira crise nuclear entre a RPDC e os Estados Unidos, iniciada a partir de 1991, se deu primeiramente em torno da instalação de energia nuclear de Yongbyon. A instalação da usina de Yongbyon se inseriu dentro do contexto de crise do regime energético norte-coreano, dependente da importação de petróleo, em um momento em que suas principais fontes, a União Soviética e os países socialistas do Leste Europeu, não estavam disponíveis. Seu objetivo imediato era, portanto, a diversificação da matriz energética e a garantia da segurança energética. Uma prova disto é o fato de que a carga de combustível do reator, que teria que ser retirada várias vezes para produzir artefatos nucleares a partir dos resíduos de plutônio, foi removida apenas duas vezes entre 1989 e 1994. Após uma série de tensionamentos em torno das inspeções pela Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) e de ameaças de sanções por meio do Conselho de Segurança por parte dos Estados Unidos, chegou-se a um marco mínimo de negociação com o Acordo-Quadro de outubro de 1994, assinado com o presidente Bill Clinton. Alguns dos pontos principais do Acordo reafirmavam a proposta de substituição dos reatores nucleares por novos reatores a base de água-leve, de menor potencial bélico, assim como apontavam para a normalização de relações diplomáticas (CUMINGS, 2004).

Não obstante a reaproximação entre as Coreias liderada pela política externa de Kim Dae-jung, os termos do Acordo-Quadro não foram em sua maioria implementados pela presidência de Bill Clinton, e a ascensão do governo de George W. Bush inverteu completamente as bases da política estadunidense para a RPDC. Nas palavras de Cumings (2004, p. 95, tradução nossa), “em uma demonstração de um processo

decisório partidário de política externa nunca antes visto, Bush determinou desde o princípio ser o anti-Clinton [...]”.⁹

A partir de então, os conflitos na península coreana teriam como política oficial não mais a contenção e a dissuasão da Guerra Fria, mas os planos de ataque preemptivo contra adversários que se acreditasse serem possuidores de armas de destruição em massa, com a inclusão da RPDC no “Eixo do Mal” da estratégia dos Estados Unidos para o Pós-Guerra Fria. Assim, a segunda crise nuclear irrompeu, em outubro de 2002, como uma repetição acelerada dos eventos da crise anterior, em meio à expulsão dos inspetores da AIEA pelo governo norte-coreano e o anúncio de retirada do Tratado de Não-Proliferação Nuclear.

Buscou-se a distensão entre os dois países por meio das chamadas Negociações das Seis Partes, que reuniram os principais atores envolvidos no conflito regional, incluindo também a China, Rússia e Japão, além dos Estados Unidos e da RPDC e RC. Ainda assim, mesmo com a assinatura da Declaração Conjunta, a questão da desnuclearização da península voltou a retroceder em função das pressões estadunidenses pelo congelamento de ativos norte-coreanos em bancos asiáticos, que levariam ao primeiro teste nuclear por parte da RPDC em 2006.

Com a presidência de Barack Obama (2009-2017), apesar das elaborações de conceitos como o de “poder inteligente” ou de “paciência estratégica”, manteve-se ainda a indecisão estratégica que caracterizara o governo Bush (BRITES, 2014)¹⁰. Uma boa parte das análises sobre o governo de Donald J. Trump, por sua vez, tem destacado elementos que permitiriam identificar sua política, assim como na relação Bush-Clinton, por ter uma posição anti-Obama, seja em relação ao Acordo de Paris para as mudanças climáticas e a Parceria Transpacífico, ou em relação à política interna para a migração (SMITH, 2018). Outro conjunto de trabalhos tem focado no seu caráter anti-globalização e em suas consequências negativas para a liderança internacional dos Estados Unidos na gestão de uma ordem global liberal e multilateral, e um terceiro tem ainda se fixado nas características pessoais do perfil individual e de liderança representado por Trump (VINHA, 2017; LANDLER, 2017). Mas como compreender a recente aproximação com a RPDC, marcada pela Reunião de Cúpula de 12 de junho de 2018, frente à estratégia de política externa dos Estados Unidos para o Leste Asiático?

As orientações geopolíticas do Leste Asiático estão intimamente relacionadas a outro contexto regional, no Oriente Médio, ambos tendo se constituído como os principais teatros dos interesses estratégicos dos Estados Unidos no Pós-Guerra Fria. Muitos questionaram a aparente contradição entre a retirada do acordo nuclear com o Irã, o Plano de Ação Conjunto, e a negociação e assinatura de outro acordo nuclear com a RPDC, apesar do Presidente Donald Trump não ter visto nenhum efeito negativo (REUTERS, 2018). Na verdade, os dois temas parecem estar imbricados, de tal modo que a evolução das conversações com a RPDC

⁹ “In a display of partisan foreign policy decision-making, unlike any previous episode, Bush determined first of all to be anti-Clinton” (CUMINGS, 2004, p. 95).

¹⁰ Poder inteligente (*smart power*) e paciência estratégica se referem, respectivamente, ao uso combinado e harmonioso do poder duro (*hard power*) e do poder brando (*soft power*), e à adoção de uma postura reativa aos acontecimentos políticos do Leste Asiático.

constituiu parte do cálculo de decisão da retirada estadunidense do acordo nuclear e da reimposição de sanções sobre o Irã (BENNETT, 2018).

As Possíveis Interconexões Regionais entre o Leste Asiático e o Oriente Médio

Desde o lançamento da Guerra ao Terror e do Projeto para o Novo Século Norte-Americano, pelo governo George W. Bush, a reorganização do mapa político regional do Oriente Médio teve como objetivo indireto o controle sobre as condições de crescimento de longo prazo da China e de outras potências em ascensão da Ásia. Assim, de acordo com Arrighi (2008, p. 199), o uso da guerra de baixa intensidade pelos neoconservadores como mecanismo de eliminar a concorrência contra a centralidade dos Estados Unidos na economia mundial levou a uma “estranha morte do projeto da globalização”, na qual a invasão do Iraque, em 2003, significou apenas “o primeiro movimento tático numa estratégia de longo prazo que visava utilizar o poderio militar para impor o controle norte-americano sobre a torneira global do petróleo e, assim, sobre a economia global durante outros cinquenta anos ou mais”. Tal movimento tático, entretanto, não se realizou como previsto e o aniversário de dez anos de guerra apresentou como resultados mais de 2 US\$ trilhões de dólares de custo, um governo iraquiano distante do modelo de democracia prometido e uma série de dúvidas mesmo sobre sua posição como aliado e a capacidade de influência dos Estados Unidos sobre o país e a contenção da ajuda militar iraniana ao governo sírio (TROTTA, 2013; STUSTER, 2013).

Mas mais importante, em termos estratégicos, o fracasso na estabilização do Iraque e no reordenamento da ordem política no Oriente Médio aumentou a dependência econômica dos Estados Unidos da compra de títulos públicos pela China para manter seu déficit no balanço de pagamentos, assim como os custos das operações militares e a própria hegemonia do dólar como moeda de curso internacional. De tal modo que o desenvolvimento deste “vício da compra de dólares pelos chineses” (KRUGMAN, 2005; ARRIGHI, 2008) impediu os Estados Unidos de prosseguir com a contenção da China em seu front econômico, utilizando-se muitas vezes do front geopolítico no mar do sul da China como válvula de escape.¹¹

O que cabe ainda ser analisado, na atual conjuntura, é a possibilidade de a consolidação da reconquista de posições contra o Estado Islâmico no Iraque e na Síria (COKER; HASSAN, 2017; O’CONNOR, 2018; U.S. DEPARTMENT OF DEFENSE, 2018) restabelecer a influência dos Estados Unidos sobre a ordem política no Oriente Médio, a partir da qual se poderia retomar a iniciativa no front econômico da contenção à China.

De fato, em 18 de junho de 2018, menos de uma semana após a Reunião de Cúpula com a RPDC, o Secretário de Estado Mike Pompeo retomou a retórica crítica à política comercial “predatória” chinesa em encontro com indústrias automobilísticas estadunidenses. A coincidência não escapou também à cobertura do *The New York Times*: “os comentários sugerem que a administração Trump - agora que a reunião de cúpula

¹¹ Nas últimas décadas, a China converteu-se no maior comprador de títulos da dívida pública estadunidense. Os empréstimos por parte da China para os Estados Unidos, através da compra de títulos do Tesouro, permitem que estes comprem produtos chineses e financiem seu déficit histórico em transações correntes. Apesar de vantajosa a curto prazo, tal situação criou uma espécie de dependência em relação a compra de títulos por parte da China para sustentar a posição internacional do dólar, com consequências sobre a capacidade da economia estadunidense de produzir um equilíbrio externo e sobre a indústria (KRUGMAN, 2005).

de Cingapura com o líder norte-coreano Kim Jong-un acabou - está aumentando ainda mais seus esforços para se opor às práticas comerciais chinesas” (HARRIS, 2018. tradução nossa).¹² Em 15 de Junho de 2018, foi anunciada a imposição de tarifas adicionais de 25% em um conjunto de 818 produtos chineses que haviam já sido alvo de taxaço em 6 de abril, junto a um segundo conjunto de 284 produtos, o qual será ainda revisado em audiência pública, somando um total de 1102 produtos avaliado em 50 US\$ bilhões de dólares. De modo geral, a medida visa estrategicamente alcançar bens industriais altamente tecnológicos incluídos na política industrial chinesa *Made in China 2025*, como os setores aeroespacial, de tecnologia da informação e comunicações, robótica, maquinarias industriais, novos materiais e automobilística (SWANSON, 2018; USTR, 2018). Tal iniciativa aprofunda um movimento que, iniciado em 22 de Janeiro de 2018 com o anúncio de aplicação de tarifas de 30% sobre painéis solares e aprofundado por tarifas de 25% sobre o aço e alumínio, tem sido caracterizado como uma “guerra comercial” com a China (COLLINS, 2018).

Apesar das pressões continuadas no mar do sul da China, o front econômico, e não o geopolítico, parece ser o eixo central da política externa do governo Trump. Em entrevista ainda durante o processo eleitoral, em Março de 2016, quando perguntado a respeito de uma possível contenção da expansão militar chinesa, este afirmava antecipadamente: “Eu usaria o comércio para negociar. [...] Eu usaria o comércio, absolutamente, como uma moeda de troca” (HABERMAN; SANGER, 2016. tradução nossa)¹³.

A rápida ascensão da China como potência no sistema internacional tem sido vista, nos Estados Unidos, com grandes suspeitas por diferentes observadores. Para Mearsheimer (2014), se a economia chinesa continuar crescendo na mesma velocidade durante as próximas décadas, os EUA enfrentarão mais uma vez um concorrente potencial na disputa hegemônica e a política das grandes potências, característica da Guerra Fria, retornará com força total. Seguindo a lógica do realismo ofensivo, a expansão econômica e política da China irá levá-la, inequivocamente, a tentar dominar a Ásia do mesmo modo que os EUA dominam o hemisfério ocidental (MEARSHEIMER, 2010)¹⁴. Enfraquecer a posição do Irã enquanto potência regional rival seria assim um movimento no sentido de buscar garantir a influência dos Estados Unidos no Oriente Médio e, conseqüentemente, o controle sobre “a torneira global do petróleo” e as condições de crescimento da economia mundial. Conforme ressalta Walt (2018), a retirada do acordo nuclear tem como única lógica a política de isolamento internacional do Irã e de não reconhecimento da legitimidade de seus interesses regionais, ecoando, em última instância, a “canção de sereia” da mudança de regime.

Tal agenda unifica parte considerável da base de apoio do governo Trump, representada pela linha dura do lobby israelense, como o Comitê de Assuntos Políticos Americano-Israelenses (AIPAC), a organização de oposição iraniana *Mujahideen-e-Khalq* (MEK) e o empresário e seu doador de campanha Sheldon Adelson,

¹² “The blistering remarks suggested that the Trump administration — now that the Singapore summit meeting with the North Korean leader, Kim Jong-un, is over — is further ramping up its efforts to push back against Chinese trade practices” (HARRIS, 2018).

¹³ “I would use trade to negotiate. [...] I would use trade, absolutely, as a bargaining chip” (HABERMAN; SANGER, 2016).

¹⁴ De acordo com a teoria do realismo ofensivo proposta pelo autor a estrutura básica do sistema internacional força os estados preocupados com sua segurança a competir uns com os outros pelo poder. O objetivo final de todo grande poder é maximizar sua participação no poder mundial e eventualmente dominar o sistema. Isso significa que os Estados mais poderosos procuram estabelecer a hegemonia em sua região do mundo, garantindo ao mesmo tempo que nenhuma grande potência rival domine outra área (MEARSHEIMER, 2010).

assim como pelo novo quadro de responsáveis em relações exteriores, na Assessoria de Segurança Nacional (John Bolton) e no Departamento de Estado (Mike Pompeo), cujas nomeações podem ser consideradas uma inflexão em sua política externa (HASSIBI, 2018; CLIFTON; LOBE, 2017; TABRIZY, 2017).

Nesta perspectiva, o acordo com a RPDC seria uma espécie de *tertius gaudens* (“o terceiro, que se alegra”), na estratégia de contenção à China proposta por James Pinkerton, em que o desengajamento por parte dos Estados Unidos associado à uma tática de equilíbrio de poder permitiria administrar os benefícios das rivalidades regionais na Ásia (ARRIGHI, 2008)¹⁵. A resolução do conflito na Península Coreana teria a vantagem, nestes termos, de evitar os custos de uma conflagração direta, redirecionando os recursos estadunidenses para a reorganização da ordem política no Oriente Médio e a competição econômica com a China, sem abandonar as posições militares na região. Tal estratégia pode ser considerada como uma versão neoconservadora do conceito de balanceamento externo (*offshore balance*), o qual defende como central não a garantia de primazia e engajamento global, mas o estabelecimento de alianças regionais que permitam controlar as linhas de comunicações comerciais e estruturar linhas de defesa de antiacesso e negação de área (LAYNE, 2012; MEARSHEIMER; WALT, 2016).

Na semana anterior à Reunião de Cúpula Intercoreana, o Presidente Moon Jae-in anunciou a renúncia norte-coreana à qualquer exigência de retirada de tropas estadunidenses, da mesma forma que Kim Jong-il havia declarado em sua reunião com Kim Dae-jung nos anos 2000. Do ponto de vista da RPDC, a presença militar continuada dos Estados Unidos na península, funcionando nos moldes de uma operação de paz, é vista com potencial para cumprir o papel de contrabalancear sua dependência em relação à China e conter um possível avanço das forças armadas sul-coreanas em meio à um processo de maior aproximação ou unificação (FITZPATRICK, 2018; CUMINGS, 2004, p. 84).

Do ponto de vista dos Estados Unidos, se a principal preocupação em torno da realização da Reunião de Cúpula era a negociação de uma desnuclearização completa, verificável e irreversível, o texto da Declaração Conjunta, ao reduzir a fórmula a uma “desnuclearização completa” da Península Coreana, demonstrou a prevalência do interesse no estabelecimento de um novo perfil de relações diplomáticas entre os dois países (THE WHITE HOUSE, 2018).

Posteriormente, em uma conferência em Seul, o Secretário de Estado Mike Pompeo afirmou ter a expectativa para um “significativo desarmamento” nos próximos dois anos e meio, reconhecendo, portanto, que o processo de desnuclearização seguiria um modelo “passo por passo” e não de desnuclearização imediata (SANG-HUN, 2018a). Pode-se questionar se, na verdade, tal fórmula não implica em um reconhecimento implícito da RPDC como uma potência nuclear, na medida em que suas capacidades de produção de artefatos nucleares e de entrega de mísseis balísticos não seriam desestruturadas imediatamente e permaneceriam

¹⁵ Pinkerton (2018) saudou a Reunião de Cúpula entre os Estados Unidos e a RPDC como um “fim para a Guerra Fria”, destacando precisamente suas consequências positivas para uma redução dos custos com a presença militar global estadunidense sustentada a partir do pós-guerra. Entretanto, não se pretende afirmar aqui a concepção de *tertius gaudens* de Pinkerton como um retrato exato da estratégia de política externa do governo Trump, mas apenas como ilustração da relação entre o desengajamento e a distensão na Península Coreana e as iniciativas no Oriente Médio e em relação à China. Uma análise desta e de outras respostas conservadoras para a ascensão chinesa, estão presentes em obras como “Sobre a China”, de Henry Kissinger, e “How We Would Fight China”, de Robert Kaplan.

ainda em termos de conhecimentos técnicos e know-how mesmo após o fechamento de instalações e a destruição de materiais e equipamentos.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo fornecer uma base de análise para o estudo da conjuntura internacional na Península Coreana, marcada pela mais recente aproximação entre as Coreias e entre a RPDC e os Estados Unidos. Ressalta-se, nesse sentido, a importância da evolução das capacidades nucleares e de entrega de mísseis balísticos da RPDC como fator principal para as mudanças no equilíbrio regional de poder e nas relações com os Estados Unidos, assim como das redefinições da política externa sul-coreana, a partir das Novas Políticas para o Norte e para o Sul do governo de Moon Jae-in, para a reaproximação entre as Coreias e a projeção de um novo cenário geopolítico para o Leste e Sudeste Asiático.

Os estudos sobre a realidade na RPDC ainda permanecem sob o estigma da irracionalidade de seus líderes e de sua sociedade. O discurso hegemônico segue retratando um regime desonesto e desesperado governado por um ditador paranoico ameaçando o mundo com um ataque nuclear. Tal estigma, na medida em que nega a aplicação dos mesmos conceitos de dissuasão e equilíbrio de poder utilizados para explicar a competição interestatal entre as grandes potências, impede não apenas a compreensão das motivações norte-coreanas mas também do equilíbrio de poder que mobiliza a Península Coreana e o Leste Asiático como um todo.

Na verdade, a política externa norte-coreana teve como objetivo bem definido a busca de uma redefinição de suas relações com os Estados Unidos por meio do desenvolvimento de suas capacidades nucleares e de entrega de mísseis balísticos, fazendo uso assim de uma barganha nuclear, em uma “astuta diplomacia de sobrevivência”. A estratégia e o comportamento da RPDC é plenamente consistente com a lógica do conflito na Península Coreana após a Guerra da Coreia e da confrontação nuclear na Guerra Fria. Desde o fim da Guerra da Coreia, qualquer ganho para o Norte foi percebido como uma perda para o Sul, e vice-versa, de modo que um delicado balanceamento de poder teve de ser mantido e apenas quando ambos países poderiam perceber uma vitória diplomática houve alguma reaproximação. Hoje talvez o avanço das capacidades nucleares e missilísticas norte-coreanas e a redefinição da política externa sul-coreana em seus eixos Norte e Sul possam garantir uma aproximação duradoura, a depender da evolução das negociações com os Estados Unidos em torno da desnuclearização.

Não obstante os diversos receios em torno da perda de empregos na RC para a população norte-coreana em uma eventual reunificação, poder-se-ia, ao contrário, ganhar um novo dinamismo econômico para o problema demográfico sul-coreano, com o envelhecimento populacional e o limite de pleno emprego, permitindo o redirecionamento da produção de manufaturas intensivas em mão de obra que se deslocou para a China e o Sudeste Asiático.

Qualquer projeção acerca de uma possível reunificação, precisaria considerar as suas implicações econômicas e em termos da inserção internacional de um novo Estado nacional coreano unificado. Da mesma

forma, mesmo um processo de aproximação que mantenha a divisão nacional mas tenha duração e consequências de longo prazo deve ser compreendido como um pilar fundador de um novo cenário geopolítico regional para o Leste Asiático.

A Península Coreana é definida historicamente por sua condição estratégica de “entreposto entre grandes potências”. Por isso mesmo, enfatizou-se ao longo do artigo as conexões entre a aproximação da RPDC e dos Estados Unidos com a estratégia de política externa deste último para o Leste Asiático e o Oriente Médio. Assim, a retirada do acordo nuclear com o Irã e a assinatura de outro com a RPDC podem ser compreendidas a partir da noção de *tertius gaudens* de James Pinkerton, a qual traduz a ideia de que um desengajamento de uma conflagração direta na Península Coreana liberaria recursos para o reforço das posições dos Estados Unidos no Oriente Médio, aumentando o controle sobre a “torneira global do petróleo” e as condições de crescimento de longo prazo da China e de outras potências asiáticas em ascensão, como a Índia.

Nesse sentido, caberia ainda questionar qual seria o papel das Coreias na Grande Estratégia dos Estados Unidos para o Pós-Guerra Fria, tendo em vista sua tendência histórica de reduzi-las a uma reflexão tardia e imediata, como no reatamento histórico de relações com a China e na decisão de suspender os jogos de guerra após a Reunião de Cúpula com a RPDC, nas quais não houve consulta ao governo sul-coreano.

REFERÊNCIAS

- ATKINSON, Joel. In Russia, South Korea’s Moon Eyes a Major Realignment for Northeast Asia. **World Politics Review**, 27 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.worldpoliticsreview.com/articles/24938/in-russia-south-korea-s-moon-eyes-a-major-realignment-for-northeast-asia>>. Acesso em 10/07/2018.
- ALBERT, Eleanor. **North Korea’s Military Capabilities**. Council on Foreign Relations, 6 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.cfr.org/backgrounder/north-koreas-military-capabilities>>. Acesso em 10/07/2018.
- BENNETT, Brian. How Talks with North Korea Convinced Trump to Scrap the Iran Deal. **Time**, 8 mai. 2018. Disponível em: <<http://time.com/5269958/iran-nuclear-deal-donald-trump-north-korea/>>. Acesso em 10/07/2018.
- BRITES, Pedro V. P. **A Crise na Península Coreana e a Segurança Regional do Leste Asiático**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Acesso em 10/07/2018.
- BRUMFIEL, Geoff. Here Are The Facts About North Korea’s Nuclear Test. **National Public Radio**, 3 set. 2017. Disponível em: <<https://www.npr.org/sections/thetwo-way/2017/09/03/548262043/here-are-the-facts-about-north-koreas-nuclear-test>>. Acesso em 10/07/2018.
- BO-EUN, Kim. Duterte affirms support for Moon's peace efforts. **The Korea Times**, 4 jun. 2018. Disponível em: <http://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2018/06/113_250094.html>. Acesso em 10/07/2018.

- CHEONG WA DAE. **Address by President Moon Jae-in at the State Duma of Russia.** The Republic of Korea, Briefings & Speeches, 21 jun. 2018. Disponível em: <<https://english1.president.go.kr/BriefingSpeeches/Speeches/47>>. Acesso em 10/07/2018.
- CHUNG-HA, Suh. ASEAN, a key partner for Korea's future. **The Korea Times**, 8 jun. 2018. Disponível em: <https://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2018/06/120_250249.html>. Acesso em 10/07/2018.
- CLIFTON, Eli; LOBE, Jim. Trump Ignores Advisers on Iran Deal, Follows Pro-Israel Billionaire Adelson's Money. **Alternet**, Grayzone Project, 16 out. 2017. Disponível em: <<https://www.alternet.org/grayzone-project/trump-ignores-advisers-iran-dea>>. Acesso em 10/07/2018.
- COKER, Margaret; HASSAN, Falih. Iraq Prime Minister Declares Victory Over ISIS. **The New York Times**, 9 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/12/09/world/middleeast/iraq-isis-haider-al-abadi.html>>. Acesso em 10/07/2018.
- COLLINS, Keith. All the Threats and Tariffs in the U.S.-China Trade Conflict. **The New York Times**, Interactive, 15 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2018/04/05/business/china-us-trade-conflict.html>>. Acesso em 10/07/2018.
- CUMINGS, Bruce. **North Korea: Another Country.** New Press: New York, 2004.
- FITZPATRICK, Mark. On the mountaintop with North Korea. **The International Institute for Strategic Studies**, The Survival Editor's Blog, 27 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.iiss.org/blogs/survival-blog/2018/04/mountaintop-north-korea>>. Acesso em 10/07/2018.
- FRENCH, Paul. **North Korea: The Paranoid Peninsula: A Modern History.** Zed Books: New York, 2007.
- HABERMAN, Maggie; SANGER, David E. Transcript: Donald Trump Expounds on His Foreign Policy Views. **The New York Times**, Interview, 26 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/03/27/us/politics/donald-trump-transcript.html>>. Acesso em 10/07/2018.
- HAMMOND, Andrew. Moon's Russia visit shows shifting strategic landscape. **The Korea Times**, 22 jun. 2018. Disponível em: <http://www.koreatimes.co.kr/www/opinion/2018/06/137_251105.html>. Acesso em 10/07/2018.
- HARRIS, Gardiner. Pompeo Issues a Warning to the World on Trade. **The New York Times**, 18 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/06/18/us/politics/pompeo-trade-china.html>>. Acesso em 10/07/2018.
- HASSIBI, Navid. Why Trump supports diplomacy with North Korea but not Iran. **The Bulletin of the Atomic Scientists**, 2 mai. 2018. Disponível em: <<https://thebulletin.org/2018/05/why-trump-supports-diplomacy-with-north-korea-but-not-iran/>>. Acesso em 10/07/2018.
- HA-YOUNG, Choi. Ruling party sweeps local elections. **The Korea Times**, 13 jun. 2018. Disponível em: <<http://m.koreatimes.co.kr/pages/article.asp?newsIdx=250624>>. Acesso em 10/07/2018.
- HECKER, Siegfried S. What We Really Know About North Korea's Nuclear Weapons: And What We Don't Yet Know for Sure. **Foreign Affairs**, 4 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/north-korea/2017-12-04/what-we-really-know-about-north-koreas-nuclear-weapons>>. Acesso em 10/07/2018.

- HE-SUK, Choi. Political parties poles apart on Panmunjeom Declaration. **The Korea Herald**, 28 abr. 2018. Disponível em: <http://www.koreaherald.com/view.php?ud=20180428000057&ACE_SEARCH=1>. Acesso em 10/07/2018.
- HYUN-JU, Ock. Two Koreas' commitment to 'complete denuclearization' raises hope, concerns. **The Korea Herald**, 27 abr. 2018. Disponível em: <http://www.koreaherald.com/view.php?ud=20180427000871&ACE_SEARCH=1>. Acesso em 10/07/2018.
- HYUN-WOO, Nam. SK E&C expands global development through overseas projects. **The Korea Times**, 20 jun. 2018. Disponível em: <http://www.koreatimes.co.kr/www/tech/2018/06/129_251006.html>. Acesso em 10/07/2018.
- JAE-KYOUNG, Kim. Moon's role crucial for successful Singapore summit. **The Korea Times**, 3 jun. 2018. Disponível em: <http://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2018/06/103_250023.html>. Acesso em 10/07/2018.
- JI-WON, Park. Ruling party wins 11 out of 12 by-elections, **The Korea Times**, 13 jun. 2018. Disponível em: <<http://m.koreatimes.co.kr/pages/article.asp?newsIdx=250633>>. Acesso em 10/07/2018.
- JUN-SUK, Yeo. On the table at Peace House: nukes, peace, better relations. **The Korea Herald**, 25 abr. 2018. Disponível em: <http://www.koreaherald.com/view.php?ud=20180425000824&ACE_SEARCH=1>. Acesso em 10/07/2018.
- JUNG, Min-ho. Moon Jae-in: Son of war refugees rises to power. **The Korea Times**, 09 mai, 2017. Disponível em: <https://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2017/05/356_229029.html>. Acesso em 10/09/2018.
- LANDLER, Mark. Trump, the insurgent, breaks with 70 years of american foreign policy. **The New York Times**, 28 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/12/28/us/politics/trump-world-diplomacy.html>>. Acesso em 10/07/2018.
- LANDLER, Mark. As Two Koreas Talk Peace, Trump's Bargaining Chips Slip Away. **The New York Times**, 28 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/04/28/us/politics/trump-north-korea.html>>. Acesso em 10/07/2018.
- LAYNE, Christopher. The End of Pax Americana: How Western Decline Became Inevitable. **The Atlantic**, Abr. 2012. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/international/archive/2012/04/the-end-of-pax-americana-how-western-decline-became-inevitable/256388/>>.
- LEWIS, Jeffrey; TAYLOR, Nathaniel. **North Korea's Nuclear Year in Review - and What's Next**. Nuclear Threat Initiative, Articles, 20 dez. 2016. Disponível em: <<http://www.nti.org/analysis/articles/north-koreas-nuclear-year-reviewand-whats-next/>>. Acesso em 10/07/2018.
- MCINNIS, Kathleen J (Coord.). The North Korean Nuclear Challenge: Military Options and Issues for Congress. **Congressional Research Service**, CRS Report, 6 nov. 2017. Disponível em: <<https://fas.org/sgp/crs/nuke/R44994.pdf>>. Acesso em 10/07/2018.
- MEARSHEIMER, J. The Gathering Storm: China's Challenge to U.S Power in Asia. **The Chinese Journal of International Politics**, v. 3, p. 381-396, 2010.
- MEARSHEIMER, John J.; WALT, Stephen M. The Case for Offshore Balancing: A Superior U.S. Grand Strategy. **Foreign Affairs**, v. 95, n. 4, p. 70-83, 2016.

- MILLER, J. Berkshire. South Korea's Political Storm Swirls Ahead of Park Impeachment Ruling. **World Politics Review**, 2 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.worldpoliticsreview.com/articles/21388/south-korea-s-political-storm-swirls-ahead-of-park-impeachment-ruling>>. Acesso em 10/07/2018.
- MIN-HYUNG, Lee. Moon begins six-day trip to India, Singapore. **The Korea Times**, 8 jul. 2018. Disponível em: <http://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2018/07/113_251911.html>. Acesso em 10/07/2018.
- MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS. **Panmunjeom Declaration for Peace, Prosperity and Unification of the Korean Peninsula**. Republic of Korea: Panmunjeom, 2018. Disponível em: <http://www.mofa.go.kr/eng/brd/m_5478/view.do?seq=319130&srchFr=&srchTo=&srchWord=&srchTp=&multi_itm_seq=0&itm_seq_1=0&itm_seq_2=0&company_cd=&company_nm=&page=1&titleNm=>. Acesso em 10/07/2018.
- O'CONNOR, Tom. What happened to ISIS? U.S. and Syria near total victory over Jihadis, but may turn on each other next. **Newsweek**, 27 jun. 2018. Disponível em: <<http://www.newsweek.com/what-happened-isis-us-syria-near-total-victory-jihadis-may-turn-each-other-998334>>. Acesso em 10/07/2018.
- PINKERTON, James P. How Donald Trump Just Ended the Cold War for Good. **The American Conservative**, 13 jun. 2018. Disponível em: <<http://www.theamericanconservative.com/articles/how-donald-trump-just-ended-the-cold-war-for-good/>>. Acesso em 10/07/2018.
- RAHN, Kim. Sweeping local elections victory gives boost to Moon's North Korea policy. **The Korea Times**, 13 jun. 2018. Disponível em: <http://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2018/06/113_250617.html>. Acesso em 10/07/2018.
- REUTERS. Trump says nixing Iran nuclear deal would not hurt North Korea talks. **Reuters**, Washington, 30 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-nuclear-iran-trump/trump-says-nixing-iran-nuclear-deal-would-not-hurt-north-korea-talks-idUSKBN1I11Z3>>. Acesso em 10/07/2018.
- SANG-HUN, Choe. How He Brought Trump and Kim Jong-un Together. **The New York Times**, 9 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/03/09/world/asia/moon-jae-in-trump-kim-jong-un.html>>. Acesso em 10/07/2018.
- SANG-HUN, Choe. 'Major Disarmament' Expected in North Korea Within Trump's First Term, Pompeo Says. **The New York Times**, 13 jun. 2018a. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/06/13/world/asia/trump-kim-summit-north-korea.html>>. Acesso em 10/07/2018.
- SE-HWAN, Bak. Rightwing protestors claim 'time to bomb NK'. **The Korea Herald**, 27 abr. 2018. Disponível em: <http://www.koreaherald.com/view.php?ud=20180427000661&ACE_SEARCH=1>. Acesso em 10/07/2018.
- SE-HWAN, Bak. How Trump-Kim summit will affect local elections in South Korea. **The Korea Herald**, 11 jun. 2018a. Disponível em: <http://www.koreaherald.com/view.php?ud=20180611000654&ACE_SEARCH=1>. Acesso em 10/07/2018.
- SMITH, David. The anti-Obama: Trump's drive to destroy his predecessor's legacy. **The Guardian**, 11 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2018/may/11/donald-trump-barack-obama-legacy>>. Acesso em 10/07/2018.
- SO-HYUN, Kim. Speaker 'ashamed' at parliament's failure to support Panmunjeom Declaration. **The Korea Herald**, 29 mai. 2018. Disponível em:

<http://www.koreaherald.com/view.php?ud=20180529000652&ACE_SEARCH=1>. Acesso em 10/07/2018.

STEIN, Robin; TIEFENTHÄLER, Ainara; RENEAU, Natalie. Kim Jong-un's Extreme Makeover. **The New York Times**, 7 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/video/world/asia/100000005872698/from-dictator-to-diplomat-kim-jong-uns-extreme-makeover.html>>. Acesso em 10/07/2018.

STUSTER, Dana J. 10 years after Saddam, is Iraq a U.S. ally?. **Foreign Policy**, 9 abr. 2018. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2013/04/09/10-years-after-saddam-is-iraq-a-u-s-ally/>>. Acesso em 10/07/2018.

SWANSON, Ana. U.S. and China Expand Trade War as Beijing Matches Trump's Tariffs. **The New York Times**, Washington, 15 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/06/15/us/politics/us-china-tariffs-trade.html>>. Acesso em 10/07/2018.

TABRIZY, Nilo. John Bolton wants Regime Change in Iran. What's his alternative?. **The New York Time**, 8 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/video/world/middleeast/100000005842749/john-bolton-wants-regime-change-in-iran-whats-his-alternative.html>>. Acesso em 10/07/2018.

THE ASSOCIATED PRESS. S. Korea's Moon visits Vietnam to deepen bilateral trade ties. **The Asahi Shimbun**, 23 mar. 2018. Disponível em: <<http://www.asahi.com/ajw/articles/AJ201803230050.html>>. Acesso em 10/07/2018.

THE KOREA TIMES. 'New Northern Policy'. **The Korea Times**, Editorial, 25 jun. 2018. Disponível em: <http://www.koreatimes.co.kr/www/opinion/2018/06/137_251237.html>. Acesso em 10/07/2018.

THE WHITE HOUSE. **Joint Statement of President Donald J. Trump of the United States of America and Chairman Kim Jong Un of the Democratic People's Republic of Korea at the Singapore Summit**. The White House, Statements & Releases, 12 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/briefings-statements/joint-statement-president-donald-j-trump-united-states-america-chairman-kim-jong-un-democratic-peoples-republic-korea-singapore-summit/>>. Acesso em 10/07/2018.

THRUSH, Glenn; LANDLER, Mark. Why Trump, After North Korea's Test, Aimed His Sharpest Fire at the South. **The New York Times**, Washington, 3 set. 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/09/03/us/trump-north-south-korea-nuclear.html>>. Acesso em 10/07/2018.

TROTTA, Daniel. Iraq war costs U.S. more than \$2 trillion: study. **Reuters**, New York, 14 mar. 2013. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-iraq-war-anniversary/iraq-war-costs-u-s-more-than-2-trillion-study-idUSBRE92D0PG20130314>>. Acesso em 10/07/2018.

UNITED NATIONS PEACE MAKER. **The July 4 South-North Joint Communiqué**. United Nations Peace Maker, Peace Agreements Database, 4 jul. 1972. Disponível em: <<https://peacemaker.un.org/korea-4july-communicue72>>.

UNITED NATIONS PEACE MAKER. **Agreement on Reconciliation, Non-Aggression, and Exchanges and Cooperation between South and North Korea**. United Nations Peace Maker, Peace Agreements Database, 13 dez. 1991. Disponível em: <<https://peacemaker.un.org/korea-reconciliation-nonaggression91>>.

U.S. DEPARTMENT OF DEFENSE. **Operation Roundup Hits ISIS Remnants in Iraq, Syria**. U.S. Department of Defense, Combined Joint Task Force Operation Inherent Resolve News Release, 1 Jun. 2018.

Disponível em: <<https://www.defense.gov/News/Article/Article/1537594/operation-roundup-hits-isis-remnants-in-iraq-syria/>>. Acesso em 10/07/2018.

USTR [UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE]. **USTR Issues Tariffs on Chinese Products in Response to Unfair Trade Practices**. Office of the United States Trade Representative, Press Releases, Washington, 15 jun. 2018. Disponível em: <<https://ustr.gov/about-us/policy-offices/press-office/press-releases/2018/june/ustr-issues-tariffs-chinese-products>>. Acesso em 10/07/2018.

VINHA, da Luís. Previsivelmente incoerente: uma análise preliminar da política externa de Donald Trump, **Relações Internacionais**, no. 55, Lisboa, set. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992017000300002>. Acesso em 10/07/2018.

VISENTINI, Paulo F.; PEREIRA, Analúcia D.; MELCHIONNA, Helena H. **A Revolução Coreana: o desconhecido socialismo Zuche**. Editora Unesp: São Paulo, 2015.

WHAN-WOO, Yi. Olympics are over. Will peace continue?. **The Korea Times**, 18 mar. 2018. Disponível em: <http://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2018/03/103_245792.html>. Acesso em 10/07/2018.

WHAN-WOO, Yi. Korea strengthens partnership with India. **The Korea Times**, 8 jul. 2018. Disponível em: <http://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2018/07/113_251892.html>. Acesso em 10/07/2018.

WALT, Stephen M. The Art of the Regime Change. **Foreign Policy**, 8 mai. 2018. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2018/05/08/the-art-of-the-regime-change/>>. Acesso em 10/07/2018.

WALTZ, Kenneth N. 1979. **Theory of International Politics**. New York: McGraw-Hill.

WARRICK, Joby; NAKASHIMA, Ellen; FIFIELD, Anna. North Korea now making missile-ready nuclear weapons, U.S. analysts say. **Washington Post**, 8 ago. 2017. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/national-security/north-korea-now-making-missile-ready-nuclear-weapons-us-analysts-say/2017/08/08/e14b882a-7b6b-11e7-9d08-b79f191668ed_story.html?utm_term=.d5fe5a03847d>. Acesso em 10/07/2018.

WORLD POLITICS REVIEW. The Strategy Behind South Korea's Outreach to Southeast Asia. **World Politics Review**, The Editors, 14 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.worldpoliticsreview.com/trend-lines/23612/the-strategy-behind-south-korea-s-outreach-to-southeast-asia>>. Acesso em 10/07/2018.

WORLD POLITICS REVIEW. South Korea and Vietnam Set Ambitious Trade Targets, With 'Almost Identical' Strategic Goals. **World Politics Review**, The Editors, 4 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.worldpoliticsreview.com/trend-lines/24505/south-korea-and-vietnam-set-ambitious-trade-targets-with-almost-identical-strategic-goals>>. Acesso em 10/07/2018.

YONHAP. S. Korea's mediation diplomacy seen as rarity in international politics. **The Korea Herald**, Singapore, 12 jun. 2018. Disponível em: <http://www.koreaherald.com/view.php?ud=20180612000089&ACE_SEARCH=1>. Acesso em 10/07/2018.

YONHAP. Korea to push in earnest for peace, prosperity in autumn summit: Seoul official. **The Korea Herald**, 2 jul. 2018a. Disponível em: <http://www.koreaherald.com/view.php?ud=20180702000546&ACE_SEARCH=1>. Acesso em 10/07/2018.

*Recebido em 3 de dezembro de 2018.
Aprovado em 16 de março de 2019.*

RESUMO

Este artigo analisa a conjuntura internacional da recente reaproximação entre as Coreias. Destaca-se o papel do contexto do equilíbrio de poder no Leste Asiático, marcado pelo desenvolvimento das capacidades nucleares e missilísticas norte-coreanas e pelo novo governo sul-coreano de Moon Jae-in, assim como as conexões entre os teatros de conflito do Leste Asiático e o Oriente Médio, a partir dos interesses estratégicos dos Estados Unidos na competição hegemônica com a China.

Palavras-chave: Reaproximação entre as Coreias; Programa nuclear norte-coreano; Equilíbrio de poder no Leste Asiático.

ABSTRACT

This article analyses the international conjuncture of recent rapprochement between the two Koreas. It highlights the context of the balance of power in East Asia, with the development of north korean nuclear and missile capabilities and the Moon Jae-in south korean government, as well as the connexion among the theatres of conflict in East Asia and Middle East, followed by strategic interests of the United States in the hegemonic competition with China.

Key-words: Korean rapprochement; North Korean nuclear programme; East Asian balance of power.